

Encontros epistêmicos: reflexões sobre gênero e História Oral a partir de um roteiro de entrevista

Gleisson Santos de Oliveira¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Pamela Kariny Peteres Soares Lima²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Carla Regina Mariano da Silva³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este texto objetiva anunciar a potência de encontros epistêmicos na produção de uma pesquisa realizada a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral. Problematizamos, refletimos e construímos saberes a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado que foi reformulado considerando as reflexões da própria entrevistada. Para ressaltar nossos apontamentos, nos respaldamos no conceito de encontros interepistêmicos a partir da dialógica que possibilitaram realizar problematizações de gênero e machismo estrutural, mesmo não sendo esse um objetivo primário da pesquisa. Os dados discutidos neste texto são provenientes do encontro entre três professoras de matemática (duas entrevistadas e a orientadora) e um professor (pesquisador). Nossa perspectiva é que as discussões sobre a persistência de um sujeito universal de conhecimento, que por norma é um homem, mesmo em pesquisas que se propõem a ampliar quem pode falar, possam contribuir com a realização de mudanças no modo como a ciência tem sido produzida no geral e, especificamente, na Educação Matemática.

Palavras-chave: História Oral. Gênero. Encontros Epistêmicos. Dialógica. Educação Matemática.

Epistemic encounters: reflections on gender and oral history from an interview script

ABSTRACT

¹ Graduado em matemática (licenciatura) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestrando em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Cajazeira, 1233, Aero Rancho, Campo Grande, MS, Brasil, CEP: 79083-590. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4188-364X>. E-mail: gleissonolliver@gmail.com.

² Graduada em matemática (licenciatura) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestranda em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Senador Teotônio Vilela, Jardim Parati, Campo Grande, MS, Brasil, CEP: 79081-570. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1496-5375>. E-mail: prof.pamelakariny@gmail.com.

³ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Rio Claro). Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil. Rua São João, 88, Vilas Boas. Campo Grande, MS, Brasil. CEP 79051-010. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3591-0242>. E-MAIL carla.silva@ufms.br.

This text aims to announce the power of epistemic encounters in the production of research carried out based on the theoretical and methodological assumptions of Oral History. We problematize, reflect and build knowledge based on a semi-structured interview script that was reformulated considering the interviewee's own reflections. To highlight our notes, we rely on the concept of interepistemic encounters based on dialogic that made it possible to problematize gender and structural machismo, even though this was not a primary objective of the research. The data discussed in this text comes from a meeting between three mathematics teachers (two interviewees and the supervisor) and a teacher (researcher). Our perspective is that discussions about the persistence of a universal subject of knowledge, which is usually a man, even in research that aims to expand who can speak, can contribute to changes in the way science has been produced in general and, specifically, in Mathematics Education.

Keywords: Oral History. Gender. Epistemic Encounters. Dialogic. Mathematics Education.

Encuentros epistémicos: reflexiones sobre género e Historia Oral a partir de una guía de entrevista

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo anunciar el poder de los encuentros epistémicos en la producción de investigaciones realizadas a partir de los presupuestos teóricos y metodológicos de la Historia Oral. Problematizamos, reflexionamos y construimos conocimiento a partir de un guión de entrevista semiestructurado que fue reformulado considerando las propias reflexiones del entrevistado. Para resaltar nuestras notas, nos basamos en el concepto de encuentros interepistémicos basados en la dialogía que permitió problematizar el género y el machismo estructural, aunque este no fue un objetivo primordial de la investigación. Los datos discutidos en este texto provienen de un encuentro entre tres profesores de matemáticas (dos entrevistados y el supervisor) y un profesor (investigador). Nuestra perspectiva es que las discusiones sobre la persistencia de un sujeto universal de conocimiento, que suele ser el hombre, incluso en investigaciones que apuntan a ampliar quién puede hablar, pueden contribuir a cambios en la forma en que se ha producido la ciencia en general y, específicamente, en Educación Matemática.

Palabras clave: História oral. Género. Encuentros epistémicos. Dialógico. Educación Matemática.

Introdução

As percepções sobre ser uma professora ou um professor de matemática passam pela afirmação das subjetividades dos docentes e a potência em ter os mais variados corpos ocupando o lugar de quem ensina. Mas o que pode uma pesquisa que se propõe a investigar tais percepções? Neste texto, busca-se problematizar o hegemonismo enraizado como forma de poder que opera nas mais variadas ações da produção do conhecimento e, explicitar problemáticas sociais, trazendo questões de gênero ao debate. Esses aspectos foram percebidos durante a produção de uma entrevista realizada pelos autores deste trabalho em uma iniciação científica tendo como referencial teórico metodológico a História Oral.

Dentre os vários aspectos da metodologia, tem-se o princípio de proporcionar a produção de múltiplas histórias a partir de diferentes percepções. As pesquisas que utilizam a História Oral tem como fundamento o cuidado ético com o (a) entrevistado(a) e a atenção plena a cada palavra dita, ou seja, o foco da produção está na escuta e não na busca por respostas. Essa postura, nos leva ainda para a discussão sobre encontros

epistêmicos que somente são possíveis, quando se entende que o pesquisar se faz no caminho.

Tendo como objetivo problematizar o roteiro da entrevista realizada, dando enfoque ao machismo estrutural presente na produção científica, objetivamos pensar a construção dos conhecimentos a partir da troca, do encontro entrevistada e entrevistador. Para isso, apresentaremos em um primeiro momento a História Oral – HO, como referencial teórico-metodológico da produção, dando ênfase à relação dialógica que se estabeleceu durante o processo de pesquisa, e que possibilitou encontros. Seguimos com reflexões sobre a possibilidade de encontros epistêmicos na produção da investigação, e da discussão sobre o modo como foi pensado o roteiro de entrevista. Por fim, trazemos reflexões sobre o papel das entrevistadas na atualização da pesquisa, e os caminhos que se seguiram e que nos fizeram problematizar o gênero a partir de um roteiro aberto de entrevistas.

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

No campo da Educação Matemática, a História Oral é mobilizada a pouco mais de 20 anos, pelo Grupo História Oral e Educação Matemática - Ghoem, e também, nos últimos 12 anos pelo Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa - Hemep⁴, como uma habilidade de produzir histórias sobre a formação de professores e professoras nos diversos estados do país. Os fundamentos que embasam essas produções têm como princípio a possibilidade de ampliar as fontes, ao questionar quem pode falar ou quem tem participado da escrita da história. Ao inquirir que vozes têm sido legitimadas como fontes, optar pela metodologia da História Oral carrega consigo uma postura política de problematizar a maneira como o conhecimento tem sido produzido ao longo do tempo. Essa postura, busca ainda colocar em discussão a ocupação de espaços acadêmicos por um grupo restrito de pessoas,

não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar

⁴ Ver produções dos grupos de pesquisa Grupo História Oral e Educação Matemática – Ghoem da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) em: <https://www2.fc.unesp.br/ghoem/index2.html>. E Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa – Hemep da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em: <http://www.hemep.org/>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (Ribeiro, 2019, posição 531).

Dito de outro modo, a posição em que se ocupa na sociedade, o lócus social, determina onde e com que intensidade as vozes reverberam. Este lugar imposto é determinante e dificulta a transposição das barreiras, além de tornar as dores invisíveis, negando assim o direito à existência. Olhando por esse prisma, a multiplicidade de vozes na produção historiográfica, além de ampliar o que é possível dizer sobre um tema, tem ainda uma função de trazer à cena, problemáticas imperceptíveis por aqueles que ao longo do tempo escreveram a história.

A História Oral enquanto metodologia de pesquisa pode ser entendida ainda como a arte da escuta na qual o(a) entrevistador(a) tem no momento da entrevista a possibilidade de aprender com aquele que narra. O respeito do(a) entrevistador(a) às demandas do entrevistado(a) e ao que ele ou ela quer falar é um dos primeiros ensinamentos àquele que busca mobilizar essa metodologia. Por mais que a discussão se inicie com um roteiro pré-elaborado, há logo de início a possibilidade de modificá-lo significativamente, em uma abertura do (a) pesquisador(a) ao diálogo, portanto,

Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador, quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista (Portelli, 2016, p. 10).

Essa troca pressupõe não somente a interlocução entre entrevistador(a) e entrevistado(a), como também um diálogo do tempo presente com a memória em um movimento que produz o passado. A relação dialógica ainda se estabelece ao trazer à esfera pública, histórias singulares que trazem aspectos da vida pessoal dos entrevistados. Tudo isso produz contribuições para a investigação em curso que, utilizando essa metodologia, deve prever mudanças na pesquisa, que incluem desde perguntas do roteiro de entrevista até o próprio objetivo da investigação.

Foi o que entendemos ter acontecido com a pesquisa a que esse texto faz referência. Com o intuito inicial de pesquisar as 'Percepções de futuros professores em um curso de licenciatura em matemática', a investigação tinha como objetivo identificar demandas desse grupo específico com vistas a repensar o cotidiano universitário e produzir reflexões sobre a profissão docente, que pudessem indicar modificações nas

políticas educacionais vigentes. O trabalho foi desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Campo Grande e produziu duas narrativas com duas **professoras** de matemática recém-formadas. O objetivo inicial não incluía, portanto, questões de gênero, mas logo na primeira entrevista ficou claro o quanto era impossível não falar sobre isso no referido trabalho.

O convite para participar da pesquisa foi direcionado para duas professoras de matemática, estudantes de programas de pós-graduação da UFMS que haviam se formado recentemente. Os preparativos para o desenvolvimento das entrevistas envolviam a produção de um roteiro previamente elaborado que continham questões sobre como elas se percebiam professoras de matemática. Esse foi pensado com perguntas abertas com o intuito de possibilitar às entrevistadas, falar sobre suas percepções sobre a profissão docente livremente. Outro cuidado na elaboração do roteiro estava em evitar questões que levassem a respostas monossilábicas. Ou seja, havia todo um cuidado sobre o que perguntar e sobre como perguntar.

Todos esses cuidados enfatizam ainda o que temos chamado de sensibilidade metodológica, que consiste em manter uma postura aberta e estar atento ao que acontece no momento da entrevista. Ainda que a análise seja realizada com mais afinco em momentos posteriores, é possível perceber alguns movimentos analíticos desde o início da pesquisa, não se limitando ao que é narrado, mas considerando as pausas, respiros, posturas, o tom da voz e outras questões que poderiam refletir a subjetividade de cada colaborador(a) no momento da entrevista.

Das inúmeras questões que parecem permear o trabalho com essa metodologia, fica claro o cuidado com (a) o entrevistado (a) o que não impediu a elaboração de um roteiro todo focado no gênero masculino, mesmo sabendo de antemão que entrevistáramos duas professoras. Isso parece explicitar o modo como pesquisador e orientadora estão imbricados em uma percepção de mundo que privilegia na linguagem o gênero masculino em detrimento do feminino. No entanto, não somente o roteiro como toda a pesquisa ganhou outros contornos a partir do encontro pesquisador e entrevistada.

ENCONTROS EPISTÊMICOS

Como discutimos anteriormente, o processo de pesquisa tendo como metodologia a História Oral intenciona ampliar a discussão de quem pode falar e fazer circular histórias que só existem quando narradas. No entanto, mesmo com essa

perspectiva, apontamos o quanto uma pesquisa pode contribuir para a manutenção de uma estrutura que faz exatamente o contrário disso: invisibilizar grupos, nesse caso mulheres, e as restringe a campos específicos da sociedade. Isso tem ainda reflexo no estilo como o conhecimento tem sido produzido. A ciência moderna tem sido há séculos um modo hegemônico de produzir pesquisa e pauta a organização do mundo ocidental. Nesse paradigma, o sujeito de pesquisa (para usar um termo próprio deste paradigma) tem sido, quase sempre, branco, hétero e masculino, relegando os demais a categoria dos “outros”. Essa tem sido a norma, e é o que vimos refletido nessa investigação.

Mas o que acontece quando uma pesquisa se vê atravessada por questões de gênero? Qual a potência dessa discussão para o modo como o conhecimento tem sido produzido? Dizer quem pode ou não produzir conhecimento e/ou os tipos de saberes que podem ser construídos em determinada área, parece ainda estar presente nos diferentes espaços, principalmente na academia. É importante destacar que não temos a pretensão, em nenhum momento deste texto, de esgotar esse assunto, mas sim refletir, e produzir reflexões a partir de um movimento dialógico com as narrativas produzidas em momentos de entrevistas, nosso papel na manutenção desta estrutura social. Percebemos que a forma como a sociedade é categorizada hierarquicamente influencia inclusive, e principalmente, a tendência de como pensamos e fazemos pesquisa.

Ramos JR. (2019), em seu texto “Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral” discute que o conhecimento não é uma descoberta feita muito rapidamente, mas sim um processo de construção de saberes a partir do diálogo. Em uma pesquisa que tinha como metodologia a História Oral, o autor explicita que um dos entrevistados fez uma questão que pôs em xeque o lugar do pesquisador como detentor do saber, algo parecido com a experiência aqui relatada. Em uma inversão, os narradores passaram a ser sujeitos que produzem conhecimento em clara oposição a fontes ou dados de pesquisa. E ainda, “no caso da História Oral, esta poderia ser uma ética para um diálogo descolonizador da historicidade e do modelo de oralidade eurocêntricas que a sustentam”. (Ramos RJ, 2019, p. 368)

Portanto, vale pensar sobre como as oportunidades de produzir conhecimento são oferecidas a diferentes grupos de pessoas, e também em qual posição estão as pessoas entendidas como produtoras do saber. Por exemplo, se olharmos para quem está nos cargos mais altos de uma empresa, nos cargos de política, nas direções/lideranças de entidades religiosas, ou seja, esses são os que atendem a um certo padrão. E quais grupos estão no subemprego/subsaúde/submundo? Os que não atendem: as mulheres, pessoas

pretas e as pessoas LGBTQIAPN+, além de outros grupos. Esses últimos estão em desvantagem social, tanto na falta de representação em espaços de decisões como na ausência de oportunidades de emprego e de reconhecimento como pessoas que têm potência para produção de conhecimento.

A noção de encontros epistêmicos de Ramos JR. (2019, p. 363), “pretende chamar a atenção para o fato de que a produção de saber é uma relação entre dois ou mais sujeitos epistêmicos e não uma relação entre um sujeito que é considerado todo-saber, o acadêmico, e um sujeito objetivado, não acadêmico.” Pensar a produção de pesquisa como diálogos que divergem, perceptivamente, elenca a necessidade de refletir com as outras pessoas, entendendo o lugar de onde elas falam. Esse entendimento, na nossa percepção, não é no sentido de categorizar quem está pesquisando, ou seja, o “todo-saber”, e quem é o “sujeito objetivado”. Ao contrário, intenta trazer as percepções e protagonismos das vidas das escritas e dos saberes produzidos sobre si e sobre os grupos em que essas diferentes pessoas estão incluídas.

Encontros epistêmicos fazem parte de interações entre diferentes sujeitos que detêm determinados conhecimentos e saberes. Em sua pesquisa de campo, Ramos JR (2019) se depara com esse encontro, mesmo quando o seu objetivo, até o primeiro momento, era outro.

No início, eu não imaginava o quanto aqueles encontros (trans)forma-riam o meu modo de pensar a relação entre sujeitos em uma situação de pesquisa, mas hoje estou convencido de que é preciso trazer para dentro da História Oral a discussão epistemológica e pensar, ainda, em uma ética que oriente a nossa re-relação enquanto pesquisadores com esses sujeitos e saberes (Ramos JR, 2019, p. 360).

Dessa forma, ao refletir sobre o encontro entre o pesquisador e as entrevistadas, enxergamos uma troca de saberes que contribui para aprendizagens, nesse ínterim, essas aprendizagens nos levam a produções e ressignificações dos conhecimentos. Portanto, estamos refletindo sobre o conhecimento com o outro e como o outro pensa. No primeiro momento da produção da entrevista, o pesquisador buscou entender como é a concepção de ser **professora** para as entrevistadas. No entanto, ao se deparar com reflexões feitas por parte de uma das entrevistadas, passa a se encontrar com questionamentos sobre a existência de um sujeito universal da pesquisa, que é homem, mesmo ao ter de antemão quem eram as entrevistadas.

Nesse caso, consideramos que os encontros epistêmicos atingidos a partir desta produção estão diretamente relacionados com a troca dialógica entre os autores, entre a

experiência de vida de duas mulheres e do pesquisador. Nesse sentido, Ramos JR (2019), identifica esse conhecimento particular como “conhecimento do nativo”, visto que estamos localizados em mundos e vidas distintas. O que intencionamos neste texto é mostrar as interpretações desses eventos e trazer nossas percepções para o campo da Educação Matemática, entendendo que essa tem um papel social na manutenção de certas práticas de pesquisa.

Assim, é importante pensar como é, e/ou como deve ser, a relação entre a/o pesquisador (a) e os (as) entrevistados (as) em HO, ao haver um deslocamento do lugar do conhecimento, uma vez além desse novo saber que o outro pode compartilhar, existe também a possibilidade de diálogos intepistêmicos. Ou seja, uma troca com o outro, sem determinar, limitar ou designar quem é que sabe mais, é uma troca com sujeitos e isso agrega a ponto de pensar os diferentes sentidos de vidas, sentidos das práticas, e efetivamente os modos singulares do saber que cada um tem e pode compartilhar. Quando entendemos esses pontos, existe a possibilidade de encontros intepistêmicos, sendo o caso do nosso texto. Uma pesquisa que possibilitou uma produção de saberes e discussões reflexivas não sobre as entrevistas, mas sim, com as entrevistadas.

ROTEIRO E O MOMENTO DE ENTREVISTA

Com os pressupostos acima explicitados, foi elaborado o roteiro (quadro 1) contendo perguntas relacionadas às percepções das entrevistadas sobre a profissão docente, visto que essa era a problematização que objetivávamos realizar. Assim, contactamos as colaboradoras e conversamos sobre a potência de suas narrativas para entender as percepções sobre ser professora de matemática. O próximo passo era combinar dia, hora e local para a realização da entrevista.

Diante do aceite, realizamos a primeira entrevista usando o roteiro a seguir como um guia.

Quadro 1. Roteiro de entrevistas: usado com a primeira entrevistada.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS
Entrevisto hoje, dia **/**/2022, o professor _____ a quem agradeço a atenção em me receber e disponibilidade para falar sobre suas percepções sobre ser professor de matemática.

- Gostaria de lhe pedir que se apresentasse inicialmente:
- O objetivo hoje é compreender a sua percepção sobre se **um professor** de matemática.
- Fale sobre a sua escolha ou decisão de cursar uma licenciatura em matemática.
- Fale sobre as suas vivências enquanto **aluno** da graduação.
- Quais impactos da pandemia nesse processo de formação inicial?
- Qual ou quais os momentos da graduação você acredita que te conecta (enquanto **professor**) com a docência?
- Como foi seu primeiro contato com a docência?
- Existe alguma vivência, além das já compartilhadas, que você queira falar?

Agradeço, novamente, sua disponibilidade e as informações fornecidas que são de fundamental importância para a formação e atuação de **professores** de matemática.

Você autoriza o uso dessas informações para o ensino e pesquisa em Educação Matemática?

Fonte: Autores, 2023.

A primeira entrevista foi realizada no dia vinte e seis de maio de dois mil e vinte e dois, na casa do pesquisador. A entrevistada, Pamela Kariny Peteres Soares Lima, é professora de matemática formada pela UFMS, já atuou na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) como professora e coordenadora de área da Matemática na Escola Estadual Zumbi dos Palmares, localizada numa comunidade Quilombola no Município de Jaraguari-MS. Atualmente, é aluna de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEduMat), no Instituto de Matemática (INMA) da UFMS, sendo ela a segunda autora deste trabalho. A segunda entrevistada é a Professora Mariana Villela Flesch formada no final de 2021, pela UFMS, e que no período da entrevista, junho de 2022, atuava como professora em uma Escola Municipal de Campo Grande/MS. Atualmente é Mestranda em Eficiência Energética pelo Programa de Pós-Graduação em Eficiência Energética e Sustentabilidade da UFMS.

Dessa forma, deu-se início a primeira entrevista, e antes mesmo de narrar sobre a temática, quando lhe foi lido o objetivo da entrevista como segue, “O objetivo hoje é compreender a sua percepção sobre ser um professor de matemática.”, a entrevistada responde dando outros rumos para a investigação em curso: “você quer saber minha percepção sobre ser professora de matemática?”.

De forma sutil, ao refletir sobre a pergunta disparadora do diálogo, pensando em voz alta sobre a questão colocada, Professora Pamela faz apontamentos sobre a pesquisa ali realizada e a disposição como ela estava sendo produzida. Nesse rumo, Pamela, mesmo sem intenção, mostra ao pesquisador como o roteiro estava direcionado a um professor, mesmo sabendo de antemão que a entrevistada seria uma mulher. É importante dizer ainda que foi feito, antes mesmo da pergunta inicial, uma menção ao masculino, na abertura da entrevista o roteiro indica o agradecimento a um professor e não a uma professora.

Diante disso, o roteiro preparado com todo o cuidado e sensibilidade metodológica, mesmo sendo finalizado com antecedência e discutido com a orientadora da investigação, foi desenvolvido para entrevistar professores, ou seja, havia sido produzido para entrevistar homens e não mulheres. A linguagem utilizada tomava como parâmetro o masculino, mesmo sendo sabido de antemão que as entrevistadas seriam duas mulheres. Entendemos ser esse um reflexo da estrutura social que privilegia homens em detrimento das mulheres, mesmo em ambientes que se propõe a questionar verdades e ampliar discussões, como a pesquisa aqui referida.

Alguns pontos importantes precisam ser retomados aqui. O primeiro é que ao perceber que o roteiro estava direcionado ao masculino/homem/professor, nesta reflexão da primeira professora entrevistada, o pesquisador mudou imediatamente as demais questões para o feminino/mulher/professora e organizou o roteiro de forma coerente com as professoras entrevistadas. O outro ponto é a potência da História Oral ao orientar que a entrevista é uma relação dialógica e o entrevistador (a) deve estar aberto e considerar tudo que acontece no momento da entrevista.

Ainda que não tenhamos ferramentas suficientes para analisar os movimentos corporais e emocionais do entrevistado, o movimento das mãos, pés, pernas, um suspiro cansado/emocionado/reflexivo, tudo é observado, sentido, percebido. A orientação para ouvir o outro e prestar atenção ao narrado faz com que seja possível compreender a função do entrevistador(a) para além da formulação de perguntas. O pesquisador(a) precisa

dedicar-se a escutar de forma participativa, a ponto de compreender as aflições, angústias e outras questões que podem surgir.

Outro ponto é o fato de Pamela não ter corrigido o roteiro propositalmente, mas em um movimento de se enxergar-se enquanto mulher, professora. Nessa arena de significados que é a entrevista, de um lado, um pesquisador inicial que começa seus estudos em História Oral ainda enquanto graduando, sob a orientação de uma professora que produziu conjuntamente o roteiro supracitado. Do outro lado, uma professora de matemática recém-formada, mas que já havia atuado como professora na rede estadual e iniciava seus estudos no mestrado em Educação Matemática. A pesquisa, que de início se situava nas discussões sobre formação de professores, ganhou também outros contornos e passou a questionar a disposição como o machismo estrutura nossa sociedade, mesmo quando se julga estar pesquisando com uma postura aberta.

Para além de outras reflexões que possam ser feitas com essa primeira professora entrevistada acerca desta temática, a segunda colaboradora, Professora Mariana, também faz apontamentos que são igualmente potentes para pensar questões outras sobre gênero em Educação Matemática. A segunda entrevistada narra aspectos para além do perguntado, como, por exemplo, ao ser questionada sobre suas práticas de sala de aula, traz o estilo de como o filho participa de sua prática enquanto professora.

Alguns conteúdos da minha aula são coisas que às vezes eles estão vendo e eu estou ensinando em casa para o meu filho, e vou mudando a forma como eu tento ensinar. Se não entendeu de um jeito vamos fazer de outro. Se os alunos estão aprendendo a divisão, por exemplo, e fala: “professora não entendi”, tento outro modo para ensinar e, eu faço isso em casa com meu filho. Outro fato é que o meu filho está estudando no quarto ano, hoje com a pandemia, o pessoal do sexto ano está vendo, estamos tendo que revisar tudo. (narrativa de professora Mariana, 20 de junho 2022)⁵.

Quais outras questões poderiam fazer parte do roteiro de entrevista se fosse levado em conta as especificidades da vida dessas duas mulheres que não podem ser apartadas do seu fazer docente e, portanto, da sua percepção sobre a profissão? Qual a potência de se pensar em questões de gênero quando se elabora um roteiro de entrevista em História Oral?

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E HISTÓRIA ORAL

⁵ Excertos das entrevistas realizadas para a Iniciação Científica a que esse texto faz referência serão trazidas em itálico, tamanho 10, sem espaçamento.

Percebemos nossa era como a do desenvolvimento social, político, econômico, tecnológico entre tantos outros meios que movem uma nação. No entanto, ao tratar sobre as questões de gênero, as ideias primárias determinadas por cientistas que defendem as questões biológicas para justificar as diferenças e as relações de poder parecem ainda garantir uma rigidez perante os movimentos de mudanças. Oyěwùmí, reitera que “No Ocidente, as explicações biológicas parecem ser especialmente privilegiadas em relação a outras formas de explicar diferenças de gênero, raça ou classe” (Oyěwùmí, 2021, p.27), estas fundamentações biológicas estão diretamente ligadas a um decaimento a partir das diferenças. Desse modo, por mais que os estudos se proponham a focar em questões sociais, as diferenças biológicas parecem ainda determinar caminhos e modos de pesquisar. A autora discute ainda que o papel da mulher na sociedade é tentar constantemente provar seus valores, devido a um pensamento ocidental privilegiado e imposto em vários países (Oyěwùmí, 2021).

O gênero como invenção da sociedade ocidental produz movimentos cujo objetivo é fragilizar, minimizar e vitimizar as mulheres, categorizando-as como pessoas que não são consideradas eloquentes, intelectuais e/ou capazes. Nesse sentido, Colling (2004, p.24), aponta que:

A mulher é, como o homem, algo produzido e não pode indagar a fundo ao fundo de si para resgatar uma essência. Não existe verdadeira mulher, pois “verdadeira” e “mulher” são conceitos que foram criados por um outro, e unicamente como aparência, como superfície, como produção. Sob os conceitos não há nada que possa ser chamado de mulher, mas somente a relação de poder e de hierarquia socialmente construída. (Colling, 2004, p.24).

Se no passado o foco para a diferenciação entre os gêneros eram questões biológicas, o quanto avançamos nessas discussões a partir do apontado na citação anterior? Nesse momento questionamos: o que mais tem por vir de uma sociedade que se beneficia de utilizar as diferenças biológicas para “justificar” a desigualdade entre homens e mulheres? Não é possível negar que há na sociedade pensamentos que categorizam profissões como destinadas para mulheres, assim como, profissões destinadas para homens. Isso torna natural a ideia de que as áreas das ciências exatas são para homens, com a autenticidade garantida através do senso comum de que “os homens dominam as matérias de cálculo”. Esse pensamento, no entanto, não coloca em pauta os diferentes incentivos dados a meninos e a meninas desde cedo para que se desenvolvam mais em uma área do que em outra, ou ainda, a estrutura social que estabelece e determina

certas funções às mulheres. Mariana, por exemplo, foi uma estudante de graduação que trabalhava durante o dia e estudava todas as noites, é mãe e neste período, se dividia entre as responsabilidades da maternidade, trabalho e da faculdade.

Essa rotina toda não me impediu de participar de tudo que consegui durante o curso. Quando ocorriam os minicursos da semana, havia opções de horários pela manhã, tarde e noite. Dessa forma, consegui aproveitar tudo o que estava disponível à noite. Assistia a todas as palestras possíveis e participava de tudo o que era viável para mim. A disponibilidade de horários à noite possibilitou essa participação, já que se fosse apenas durante o dia, eu não teria como comparecer. A existência dos eventos à noite era crucial, assim como o curso nesse período. (narrativa de professora Mariana, 20 de junho 2022).

Mariana destaca ainda, os movimentos realizados durante sua graduação buscando atender a toda demanda acadêmica, mas também, a demanda do trabalho, projetos, filho e casa.

Algumas vezes durante essas demandas tive que trazer meu filho pra faculdade, pois, teria de atender alguma outra demanda de mãe em seguida, então ele vinha pra cá sentava e ficava quieto com o celular e um fone. (narrativa de professora Mariana, 20 de junho 2022).

Nesse ínterim, podemos discorrer sobre os problemas que as mulheres enfrentam diariamente e que determinam o pertencimento a certos lugares sociais, e por consequência, profissionais. No entanto, “ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos.” Colling (2004, p. 29).

Percebemos, como nas discussões anteriores dessa produção, a presença gritante de uma ideologia patriarcal que se perpetua entre gerações. Após trabalhar com o material bruto da entrevista, discutimos o quanto o machismo é estrutural não só na sociedade, como também em nossas práticas de pesquisa. Segundo Moya (2019. n.p):

O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos de gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino. [...] uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem ou que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais. (Moya, 2019. n.p)

Ou seja, o modo como o roteiro foi elaborado mostra uma evidência de como as atitudes machistas não somente de nossas práticas diárias, como também de nossos modos de produzir pesquisa. Conscientemente, não fazemos as oposições citadas acima, e ainda assim utilizamos uma linguagem carregada de preconceitos durante o processo de

produção de conhecimento. Essa discussão levantou um alerta para os cuidados necessários na elaboração do roteiro de entrevista, mas estão estritamente relacionados com quem somos.

O pesquisador, criado em uma família onde o pai era o sustento da casa e a mãe era submissa por diversas questões, inclusive religiosas, viu a mãe sofrendo com os descasos impostos por uma sociedade que segue uma linha de pensamento machista e preconceituoso. Viveu com uma mãe negra, alfabetizada, com desejo de concluir seus estudos, sem que o marido a deixasse voltar para escola. Sua responsabilidade era cuidar da casa e dos filhos enquanto o marido viajava a trabalho, um claro exemplo da maneira como nossa sociedade está estruturada. A partir dessa narrativa que faz o pesquisador, vale revisitar Colling (2004, p. 24 e 25), quando denota que, “Homens e mulheres constituem-se em uma estratégia de poder. Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro [...]”.

Nesse sentido Pamela, traz aspectos próprios de ser mulher, quando o pesquisador problematiza suas vivências enquanto aluna da graduação, ela apresenta em suas reflexões preocupações impostas e que comumente são tidas como obrigações da mulher e que interferem em seu processo de formação inicial na graduação.

Durante a graduação vivi muitas experiências boas, muitas sensações, tive anos que foram espetaculares, outros foram terríveis, porque as atividades acumulavam com problemas de casa, da vida, da família. São situações que interferem de alguma forma. (narrativa de professora Pamela, 26 de maio 2022).

Apesar de Pamela não ter as demandas de mãe, ela exerce atribuições parecidas com as de Mariana quando se trata do cuidado com a casa e da família, pois o papel de cuidar do outro se remete a um dever dado para a mulher. O machismo se faz presente em vários momentos, está enraizado na linguagem e na forma como nos atentamos para certas profissões. Quando pensamos na limpeza e arrumação de uma casa, por exemplo, a mulher surge como dona de casa, por outro lado, quando nesta pesquisa pensamos na profissão docente, a linguagem explicitou que naquele momento não houve uma preocupação em preparar um roteiro para professoras.

As mulheres estão em todos os ambientes e podem fazer suas escolhas sem a interferência ou exigência de ninguém, mas porque ainda insistimos em colocá-las em lugares específicos e atribuir a elas certas profissões em detrimento de outras? Como enquanto pesquisadores e pesquisadoras contribuimos com a manutenção dessas e de outras situações na produção de nossas pesquisas? Lather (1992) traz a discussão sobre

como as investigações feministas estão configurando a pesquisa educacional ao questionar visões clássicas de fazer ciência e o status ergonômico deles.

Para a autora, as questões de pesquisas estão imbricadas em um estilo modo de ser e estar no mundo e, portanto, quando se amplia quem produz conhecimento, se amplia também múltiplas metodologias e epistemologias. Nas palavras da autora, “o papel das feministas na reinventar as ciências sociais é tanto causa e efeito da maior crise de autoridade no final do pensamento científico do século XX” (Lather, 1992, p. 96, tradução nossa).

Assim, com esta produção, visamos trazer essas questões para o campo da Educação Matemática que tem se constituído como um espaço para discussões de cunho social e político. Se entendermos a História Oral como tendo uma natureza dialógica, o movimento produzido neste texto enfatiza que essa relação vai além da produção da entrevista em si, ao colocar entrevistador, entrevistada e orientadora a refletir sobre os modos como a estrutura social nos impele a ações machistas. Mas quais seriam as contribuições dessa discussão para a pesquisa em História Oral? Quais outras perguntas poderiam ser incluídas no roteiro de modo a contemplar os desafios que as mulheres entrevistadas superavam em seus cotidianos?

UM FECHAMENTO DA ESCRITA

O que nos trouxe até esta produção foi o fato de um dos autores questionar seu posicionamento social e suas reflexões a respeito da existência, mesmo em contexto progressistas, de um sujeito universal na produção de conhecimento. Após a entrevista concluída, passamos a refletir como o modo hegemônico do poder opera inclusive nos processos científicos, e de nosso papel a questionar as investigações visando a contribuir com mudanças no fazer ciência. Tudo isso, no entanto, somente foi possível por estarmos em um cenário de troca de experiências, de saberes, de informações. Assim, de um ângulo se encontrava um professor pesquisador, homem com conhecimentos teóricos sobre a História Oral enquanto uma metodologia feita no processo e algumas subjetivações a respeito do “papel” da mulher. De outro ângulo, uma mulher, professora, pesquisadora, mas que em muito se difere do pesquisador quando se trata da experiência social vivida.

A partir dos encontros epistêmicos discutidos ao longo deste texto, entendemos como os processos de produção de conhecimento se configuram a partir da troca com outros sujeitos e de como isso pode ser significativo para a investigação em si. Isto se deu

a partir das contribuições mútuas sem haver um planejamento a priori. Ainda que a investigação de iniciação científica não tivesse como objetivo discutir gênero e machismo estrutural, encontros epistêmicos aconteceram com três pesquisadores que refletiram seus protagonismos de vida, produzindo saberes sobre si e sobre o grupo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

E com apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT-MS) - N.º 02/2023 - Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação - PDPG 2023.

Referências

CASARINO, T. et al. A discriminação contra a Mulher: Análise Histórica e Contemporânea. In: **11º Semana Acadêmica Fadisma Entrementes**. 2014. Disponível em: <https://www.studocu.com/en-us/document/calvin-university/med-sure-clinical/a-discriminacao-contra-a-mulher-analise-historica-e-contemporanea/23521546>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

COLLING, A. M.. A construção histórica do Feminino e do Masculino. In: Marlene Strey; Sonia Lisboa Cabeda; Denise Prehn. (Org.). **Gênero e Cultura - Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. 01, p. 13-38.

LATHER, P. **Critical frames in educational research: Feminist and post-structural perspectives**. Theory Into Practice, 1992.

MOYA, I. **Machismo: você entende mesmo o que significa?** Politize, 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>. Acesso em: 13 jul. de 2023.

OYËWÙMÍ, O. **A Invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RAMOS JÚNIOR, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **Revista História Oral**, v. 22, n. 1, 2019.

Fontes Orais

Lima, Pamela Kariny Peteres Soares Lima [mai. 2022]. Entrevistador: Gleisson Santos de Oliveira. Campo Grande, MS, 26 de maio de 2022.

Mariana Villela Flesch [jun. 2022]. Entrevistador Gleisson Santos de Oliveira. Campo Grande, MS, 20 de junho de 2022.